

FLORA QUE EMBELEZA E SUSTENTA: OS BUQUÊS DA FEIRA DE AGRICULTORES ECOLOGISTAS (FAE) DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

*FLORA THAT BEAUTIFIES AND SUSTAINS: THE BOUQUETS OF THE
FEIRA DE AGRICULTORES ECOLOGISTAS (FAE) OF PORTO ALEGRE,
RIO GRANDE DO SUL, BRAZIL*

Mateus Henrique Schenkel^{1*}; Ricardo Arthur Thomé Lenz¹; Bruno de Souza²;
Giulia Frias Santos¹; Lua Dallagnol Cezimbra¹; Wendy Carolay Navarro Romo¹;
Jeany Dare¹; Jonas Dillenburg Rosa¹; Rumi Regina Kubo³; Mara Rejane Ritter^{1,2}

Resumo:

A degradação ambiental e a predominância do uso de espécies exóticas no paisagismo brasileiro realçam a importância das plantas ornamentais nativas para a conservação da biodiversidade e valorização regional. Apesar da alta diversidade, a presença de plantas nativas no mercado formal é limitada, indicando uma negligência histórica. Feiras livres emergem como espaços cruciais para a comercialização de flora autóctone, promovendo a preservação ambiental e a geração de renda local. Este estudo buscou identificar as espécies ornamentais comercializadas em buquês na Feira de Agricultores Ecologistas (FAE), analisando sua composição florística em termos de origem e forma, além de discutir seus significados ecológicos e culturais. O trabalho foi realizado na FAE de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, analisando buquês de três bancas de diferentes regiões do estado, no outono de 2025. As espécies foram herborizadas, identificadas com auxílio de literatura e especialistas, e classificadas quanto ao hábito e forma de crescimento. Foram identificadas 48 espécies pertencentes a 37 gêneros e 18 famílias, com predominância de Asteraceae (20 spp.) e Amaranthaceae (6 spp.). Ervas (24 spp.) e arbustos (12 spp.) foram os hábitos mais representados. A similaridade florística entre as bancas foi baixa, com apenas quatro espécies (8,33%) compartilhadas. Foram identificadas espécies nativas (21) e exóticas (25). As espécies também apresentaram múltiplos usos (medicinal, alimentício, folhagem de corte). Este estudo demonstra que plantas nativas já compõem

¹ Programa de Pós-Graduação em Botânica; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Avenida Bento Gonçalves, n° 9500; CEP 91540-000; Porto Alegre, RS – Brasil. * mateus.h.schenkel@gmail.com

² Departamento de Botânica; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Avenida Bento Gonçalves, n° 9500; CEP 91540-000; Porto Alegre, RS – Brasil.

³ Departamento de Economia e Relações Internacionais; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Avenida João Pessoa, n° 52; CEP 90046-901; Porto Alegre, RS – Brasil.

uma fração importante dos buquês comercializados na FAE, contribuindo para a valorização e preservação da biodiversidade local. O uso dessas espécies, que geralmente envolve apenas partes aéreas, parece não ter impacto ambiental significativo e pode promover a percepção botânica, além de gerar renda para as famílias. É fundamental desenvolver estratégias que considerem a percepção e aceitação do consumidor para ampliar a inserção da flora nativa no mercado de plantas ornamentais.

Palavras-chave: Arranjos florais, Etnobotânica Urbana, Feiras livres, Plantas ornamentais.

Abstract:

Environmental degradation and the predominance of exotic species in Brazilian landscaping highlight the importance of native ornamental plants for biodiversity conservation and regional appreciation. Despite high diversity, native plants presence in the formal market is limited, indicating historical neglect. Street markets emerge as crucial spaces for autochthonous flora commercialization, promoting preservation and local income generation. This study aimed to identify ornamental species sold in bouquets at the Feira de Agricultores Ecologistas (FAE), analyzing their floristic composition in terms of origin and form, discussing their ecological and cultural significance. The work was conducted at FAE in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, analyzing bouquets from three stalls from different regions of the state in autumn 2025. Species were herborized, identified with specialized literature and experts, and classified by habit and origin. We identified 48 species belonging to 37 genera and 18 families, with a predominance of Asteraceae (20 spp.) and Amaranthaceae (6 spp.). Herbs (24 spp.) and shrubs (12 spp.) were the most represented habits. Floristic similarity among stalls was low, with only four species shared. Native species (21) and exotic species (25) were identified. Species also presented multiple uses (medicinal, food, cut foliage). This study demonstrates that native plants already comprise an important fraction of bouquets sold at FAE, contributing to local biodiversity appreciation and preservation. The use of these species, which involves only aerial parts, appears to have no significant environmental impact and can promote botanical perception, besides generating family income. It is fundamental to develop strategies considering consumer perception and acceptance in order to expand the inclusion of native flora in the ornamental plant market.

Keywords: Floral arrangements, Urban Ethnobotany, Street Markets, Ornamental Plants.

1. Introdução

Plantas ornamentais são definidas como aquelas capazes de despertar a resposta do senso estético particular ao ser humano (Mello, 1986), embora tal percepção seja

inerentemente subjetiva e variável entre os indivíduos. Em um contexto marcado pela degradação ambiental e pela histórica predominância de espécies exóticas no paisagismo brasileiro, o uso de plantas nativas como elementos ornamentais representa uma estratégia relevante para a conservação e valorização da biodiversidade regional (Di Martino *et al.*, 2020). Além disso, a comercialização dessas plantas pode constituir uma fonte de renda para comunidades locais envolvidas na sua coleta ou cultivo, ressaltando seu potencial socioeconômico (Oliveira Junior *et al.*, 2013).

Ao longo da história, as plantas nativas desempenharam um papel fundamental na ornamentação floral, desde os arranjos cerimoniais do antigo Egito e da China até o paisagismo moderno (Berrall, 2022). Civilizações antigas utilizavam espécies nativas por seu simbolismo e beleza, integrando-as a rituais religiosos e decorações funerárias. No século XX, pioneiros como Roberto Burle Marx revalorizaram o uso ornamental da flora nativa, especialmente no Brasil, estabelecendo um marco no paisagismo tropical (Lorenzi & Souza, 2008). Hoje, o interesse por plantas nativas ornamentais ressurgiu em várias partes do mundo, não apenas por seu valor estético e cultural, mas também por sua contribuição para a sustentabilidade, baixa necessidade de insumos e capacidade de atrair polinizadores (Heiden, Barbieri & Stumpf, 2006).

Apesar da elevada diversidade de plantas nativas com potencial ornamental no Brasil, sua presença no mercado ainda é muito limitada, o que demonstra uma negligência histórica frente à valorização da flora local. Nos campos do sul do Brasil, encontramos uma grande riqueza de espécies que permanecem pouco exploradas, embora algumas delas já sejam utilizadas como ornamentais em outros países - inclusive como resultado de processos de biopirataria - como espécies do gênero *Petunia* (Carrion & Brack, 2012).

Algumas espécies demonstram alto potencial ornamental para uso como folhagem de corte, como *Baccharis articulata* (Lam.) Pers., *B. junciformis* DC., *Hypericum connatum* Lam., *Myrsine umbellata* Mart., *Schinus lentiscifolia* Marchand e *S. terebinthifolius* Raddi. Essas espécies apresentam atributos estéticos como cor, forma, originalidade e boa durabilidade pós-colheita, sendo adequadas para arranjos florais sustentáveis (Stumpf, Barbieri & Heiden, 2009). Apesar da crescente tendência no paisagismo contemporâneo de substituir espécies exóticas por nativas, a oferta dessas plantas pelo setor produtivo ainda é insuficiente para atender plenamente a demanda, o que evidencia a necessidade de desenvolver estratégias que contemplem a complexidade da percepção e aceitação do consumidor, fator determinante para sua inserção no mercado (Weiss, 2002).

As feiras livres são locais de comercialização de produtos geralmente advindos da agricultura familiar e que desempenham um papel muito importante na consolidação econômica e social dos feirantes (Godoy & Anjos, 2007). Do ponto de vista cultural, representam locais de trocas de saberes e experiências entre o meio rural e urbano, além de serem extremamente essenciais para o abastecimento alimentar das cidades brasileiras (Barros, 2009). Diante da baixa presença de espécies nativas no mercado ornamental formal, experiências locais ganham relevância como caminhos de valorização da flora autóctone. O uso de plantas nativas como ornamentais pode auxiliar tanto na valorização e preservação da biodiversidade quanto na geração de renda para as famílias que as produzem ou coletam (Oliveira Junior *et al.*, 2013).

Nesse contexto, destaca-se a Feira de Agricultores Ecologistas (FAE), em Porto Alegre, que surgiu em 1989 como a primeira e, por consequência, a mais antiga feira ecológica do Brasil. Sua origem remonta ao movimento agroecológico iniciado no final da década de 1970, que resultou na criação da Cooperativa Ecológica Coolméia. A cooperativa funcionava como um entreposto para a comercialização de alimentos sem o uso de agrotóxicos, além de ser uma organização que promovia o convívio e o cooperativismo. Em 1986, a Coolmeia propôs a Feira Tupambaé para celebrar o Dia de Luta Contra os Agrotóxicos. Em 1989, sem conseguir patrocínio para a Feira Tupambaé, surgiu a necessidade de criar um novo evento para manter viva a celebração, resultando na fundação da Feira dos Agricultores Ecologistas, em 14 de outubro, no Parque da Redenção. A primeira edição da feira contou com 14 bancas, e devido ao sucesso, seguiu crescendo e se manteve presente mesmo após o encerramento da Coolméia em 2006, graças à criação da Associação Agroecológica. Atualmente, a feira conta com 44 bancas com agricultores de 32 municípios do Rio Grande do Sul (FAE, 2025). Além de feira, a FAE é uma associação ecológica que busca a valorização da relação do ser humano com a natureza, através de métodos de produção orgânicos e que respeitam a cultura herdada dos antepassados e práticas que diminuam o impacto da feira como a substituição de embalagens plásticas (Fornazier & Pedrozo, 2010).

A FAE configura-se, portanto, como um espaço privilegiado para a observação e promoção de práticas sustentáveis enraizadas no território. Nesse espaço, em diferentes bancas de distintas regiões do estado, ocorre a comercialização de flores e folhagens de corte destinadas ao uso ornamental. Nos arranjos estão presentes espécies nativas e exóticas, frequentemente cultivadas nas propriedades ou coletadas em áreas próximas. Essa dinâmica configura um mercado alternativo e emergente de flores, que contribui para o reconhecimento da biodiversidade local não apenas como um recurso econômico potencialmente sustentável, mas também como instrumento de educação ambiental.

Diante desse cenário, este estudo teve como objetivo identificar e caracterizar as espécies ornamentais comercializadas em buquês na Feira de Agricultores Ecologistas de Porto Alegre, com o objetivo de responder: 1) quais espécies ornamentais são comercializadas na FAE? 2) qual a origem, hábito e forma de crescimento das espécies comercializadas? 3) qual a representatividade das espécies nativas comercializadas? 4) quais os usos dessas espécies?. Esta pesquisa foi realizada no contexto da disciplina de Etnobotânica, inserida no Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ministrada pelas duas últimas autoras.

2. Materiais e Métodos

O trabalho foi realizado na Feira de Agricultores Ecologistas (FAE) no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Foram selecionadas três bancas que em uma análise geral dentre todas as bancas da feira, destacavam-se pela venda de buquês de flores: a banca A do município de Porto Alegre (Bioma Pampa), a banca B do município de Antônio Prado e a banca C do município de Ipê (ambas no Bioma Mata Atlântica) (Figura 1).

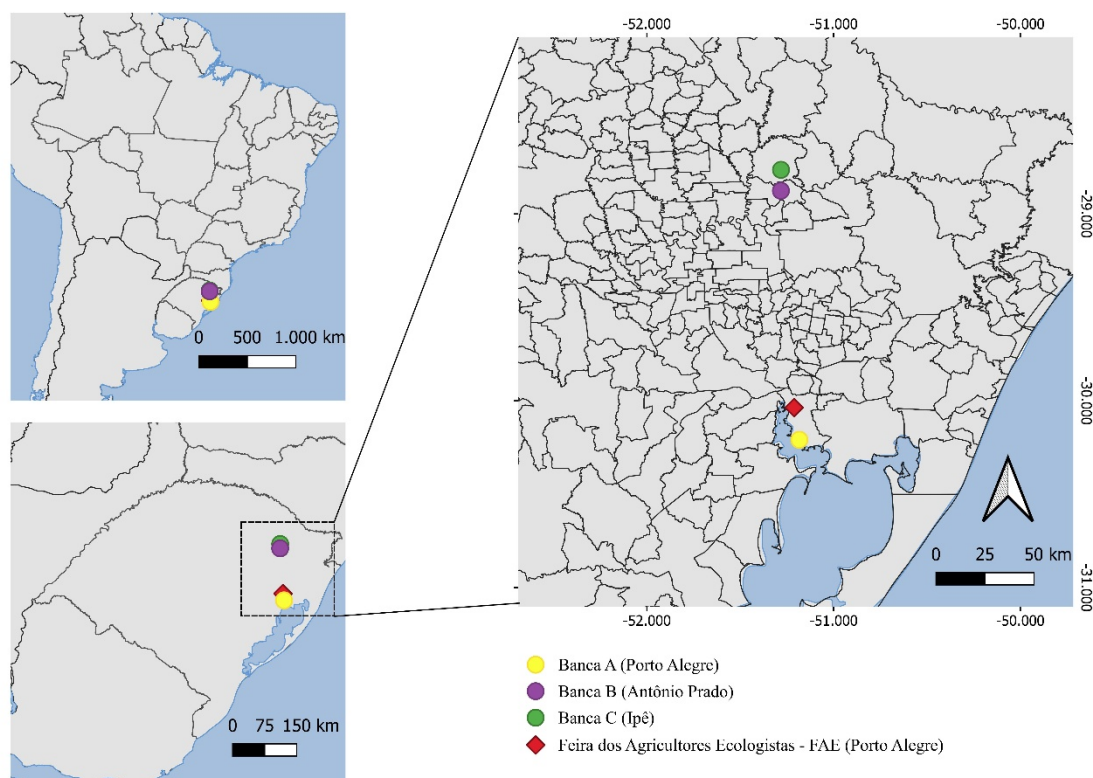


Figura 1. Localização dos municípios de origem das bancas selecionadas e da Feira de Agricultores Ecológicos (FAE) em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

O levantamento das espécies foi realizado através da análise dos buquês comercializados na FAE, os quais foram adquiridos no outono de 2025. Para abranger todas as espécies comercializadas pelos feirantes, foi solicitado um buquê completo, exclusivo para o estudo, onde fosse contemplado todas as espécies comercializadas.

Em laboratório, os buquês (Figura 2), foram desmontados e as espécies separadas e identificadas com auxílio de literatura especializada, consulta a repositórios digitais (Flora e Funga do Brasil, 2025; SpeciesLink, 2025) e consulta à especialistas. Após a identificação, as plantas foram classificadas, de acordo com dados disponíveis na Flora e Funga do Brasil (2025), quanto à sua forma de crescimento, sendo divididas em: arbusto, árvore, erva, subarbusto; e quanto à origem de ocorrência em: nativas e exóticas, sendo estas divididas em exóticas naturalizadas (que se estabelecem e se reproduzem de forma independente) e exóticas cultivadas (que se reproduzem através da intervenção e cultivo humano). Os materiais em boas condições foram herborizados. Após a identificação foram consultados livros e artigos científicos à fim de se obter informações sobre nomes populares e outros usos.



Figura 2: Tipos de buquês comercializados nas bancas selecionadas na Feira de Agricultores Ecológicos (FAE) de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Imagens: dos autores.

Para as análises relacionadas à composição das espécies, foram utilizados gráficos de barra e rosca. Para analisar a similaridade entre as bancas foi elaborado um diagrama de Venn na ferramenta online *Venny2.1* (Oliveros, 2015) com a composição de espécies.

Além das análises, para cada banca foi elaborada uma devolutiva na forma de um guia ilustrado. No guia constam o nome científico e popular das espécies, a sua origem (nativas, exóticas cultivadas, naturalizadas), além de informações sobre outros usos etnobotânicos.

3. Resultados e discussão

3.1. Diversidade taxonômica e de formas de crescimento

Foram identificadas 48 espécies, pertencentes a 27 gêneros e 18 famílias botânicas (Tabela 1, Figura 3). As famílias com maior riqueza de espécies foram Asteraceae (20 spp.), Amaranthaceae (6 spp.) e Poaceae (4 spp.). Essas três famílias representam cerca de 63% do total de espécies encontradas.

Família	Espécie	Nome popular	Origem	Banca	Material de referência
Amaranthaceae	<i>Amaranthus cruentus</i> L.	caruru	exótica naturalizada	B	ICN 214368
Amaranthaceae	<i>Amaranthus viridis</i> L.	caruru	exótica naturalizada	B	ICN 166247
Amaranthaceae	<i>Celosia argentea</i> L.	crista-de-galo, suspiro	exótica cultivada	A, B	ICN 116584
Amaranthaceae	<i>Chenopodium album</i> L.	ançarinha-branca, fedegosa, erva-formigueira-branca	exótica naturalizada	B	ICN 214369
Amaranthaceae	<i>Chenopodium quinoa</i> Willd.	quinoa, arroz-miúdo-do-peru	exótica cultivada	B	ICN 214370
Amaranthaceae	<i>Gomphrena globosa</i> L.	perpétua, amaranto-globoso	exótica cultivada	A	ICN 214371
Apiaceae	<i>Daucus pusillus</i> Michx.	cenoura-selvagem	nativa	B	ICN 133863
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	funcho	exótica cultivada	B	ICN 206596
Arecaceae	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	jerivá	nativa	C	ICN 164796
Asparagaceae	<i>Asparagus officinalis</i> L.	aspargo	exótica cultivada	C	ICN 132796
Asteraceae	<i>Austroeupatorium inulaefolium</i> (Kunth) R.M.King & H.Rob.	eupatório-branco, cambará, vassoura	nativa	A, C	ICN 214372
Asteraceae	<i>Baccharis articulata</i> (Lam.) Pers.	carqueja-branca, carqueja-doce, carquejinha	nativa	A, B e C	ICN 204261
Asteraceae	<i>Baccharis brevifolia</i> DC.	vassourinha	nativa	A	ICN 067877
Asteraceae	<i>Baccharis caprariifolia</i> DC.		nativa	C	ICN 194908
Asteraceae	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	carqueja	nativa	A, C	ICN 214373
Asteraceae	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	vassoura-branca, vassoura, vassoura-do-campo	nativa	A, B e C	ICN 214374
Asteraceae	<i>Baccharis longiattenuata</i> A.S.Oliveira	alecrim, vassoura	nativa	A	ICN 169500
Asteraceae	<i>Baccharis patens</i> Baker	vassourinha	nativa	A	ICN 167298
Asteraceae	<i>Baccharis semiserrata</i> DC.		nativa	C	ICN 123081
Asteraceae	<i>Baccharis spicata</i> (Lam.) Baill.	vassoura, vassourinha	nativa	A	ICN 214375
Asteraceae	<i>Chromolaena laevigata</i> (Lam.) R.M.King & H.Rob.	falso-cambará	nativa	B e C	ICN 214376
Asteraceae	<i>Chromolaena pedunculosa</i> (Hook. & Arn.) R.M.King		nativa	C	ICN 214377

Família	Espécie	Nome popular	Origem	Banca	Material de referência
	& H.Rob				
Asteraceae	<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	dália, dália-de-jardim	exótica cultivada	A, B e C	ICN 214378
Asteraceae	<i>Helianthus annuus</i> L.	girassol	exótica cultivada	A e B	ICN 095212
Asteraceae	<i>Pterocaulon alopecuroides</i> (Lam.) DC.	calça-de-velho	nativa	A	ICN 214379
Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	erva-lanceta	nativa	A, C	ICN 214380
Asteraceae	<i>Symphotrichum squamatum</i> (Spreng.) G.L.Nesom	estrela-branca	nativa	C	ICN 158107
Asteraceae	<i>Tagetes erecta</i> L.	cravo-de-defunto	exótica cultivada	B	ICN 177324
Asteraceae	<i>Vernonanthura tweediana</i> (Baker) H.Rob.	assa-peixe	nativa	B e C	ICN 214381
Asteraceae	<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	zinia	exótica cultivada	A, B e C	ICN 214382
Cycadaceae	<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	cica, sagu	exótica cultivada	C	ICN 018469
Dryopteridaceae	<i>Rumohra adiantiformis</i> (G.Forst.) Ching	samambaia-preta	nativa	B e C	ICN 187780
Euphorbiaceae	<i>Croton gnaphalii</i> Baill.		nativa	A	ICN 040028
Fabaceae	<i>Acacia podalyriifolia</i> A.Cunn. ex G.Don	acácia-mimosa, acácia	exótica cultivada	A	ICN 101764
Fabaceae	<i>Crotalaria juncea</i> L.	guizo-de-cascavel	exótica cultivada	B	ICN 214383
Lamiaceae	<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	alfavaca	nativa	A	ICN 008172
Lauraceae	<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	exótica cultivada	A	ICN 112197
Liliaceae	<i>Lilium longiflorum</i> Thunb.	lírio	exótica naturalizada	B, C	HAS 91043
Myrtaceae	<i>Eucalyptus cinerea</i> F.Muell. ex Benth.	eucalipto-cinzentos, eucalipto-azul	exótica cultivada	A	ICN 095225
Oleaceae	<i>Olea europaea</i> L.	oliveira	exótica cultivada	A	ICN 112190
Plantaginaceae	<i>Antirrhinum majus</i> L.	boca-de-leão	exótica cultivada	A	ICN 045657
Poaceae	<i>Andropogon bicornis</i> L.	capim-rabo-de-burro	nativa	A	ICN 181910
Poaceae	<i>Cenchrus americanus</i> (L.) Morrone	milheto	exótica cultivada	B	ICN 041763
Poaceae	<i>Merostachys</i> sp.	taquara, bambu	nativa	C	-
Poaceae	<i>Sorghum halepense</i> (L.) Pers.	sorgo	exótica cultivada	B	ICN 130127
Rosaceae	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	rosa	exótica cultivada	C	ICN 132167

Família	Espécie	Nome popular	Origem	Banca	Material de referência
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burt & R.M.Sm.	gengibre-concha, louro-de-baiano	exótica cultivada	C	ICN 212113
Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	lírio-do-brejo	exótica naturalizada	C	ICN 166243

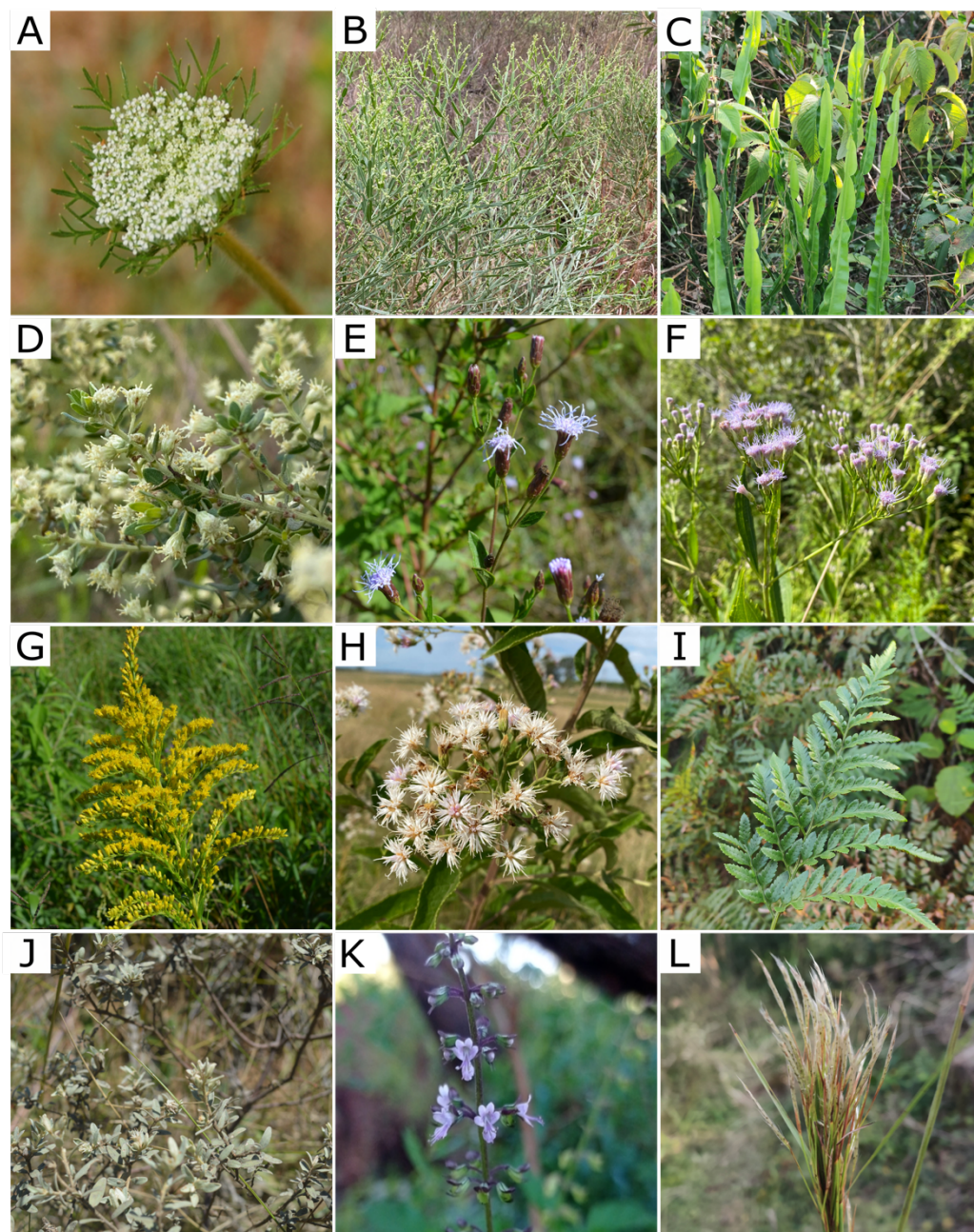


Figura 3. Algumas espécies nativas utilizadas nos buquês comercializados na Feira de Agricultores Ecológicos (FAE), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **A:** *Daucus pusillus*. **B:** *Baccharis articulata*. **C:** *Baccharis crispa*. **D:** *Baccharis dracunculifolia*. **E:** *Chromolaena pedunculosa*. **F:** *Chromolaena laevigata*. **G:** *Solidago chilensis*. **H:** *Vernonia tweediana*. **I:** *Rumohra adiantiformis*. **J:** *Croton gnaphalii*. **K:** *Ocimum carnosum*. **L:** *Andropogon bicornis*. Fonte das imagens: B-I, K, L (autores); *Inaturalist*: A (vinicius_s_domingues), J (revelaropampa).

A família com maior número de espécies nos buquês é Asteraceae (Figura 4), sendo a maior família das plantas com flores (Panero & Funk, 2008) e a família com o maior número de espécies do Bioma Pampa (Andrade *et al.*, 2023). Um dos fatores

determinantes da ampla distribuição da família é o uso econômico das espécies em diversas áreas como a medicina popular, indústria alimentícia e produção de espécies ornamentais (Souza & Lorenzi, 2019). O gênero mais utilizado nos buquês foi *Baccharis*, com nove espécies.

A família Amaranthaceae foi a segunda com maior riqueza de espécies. No Rio Grande do Sul, essa família costuma ocorrer em áreas abertas, bordas de mata, áreas alteradas e várias espécies são cultivadas (Marchioretto, 2014).

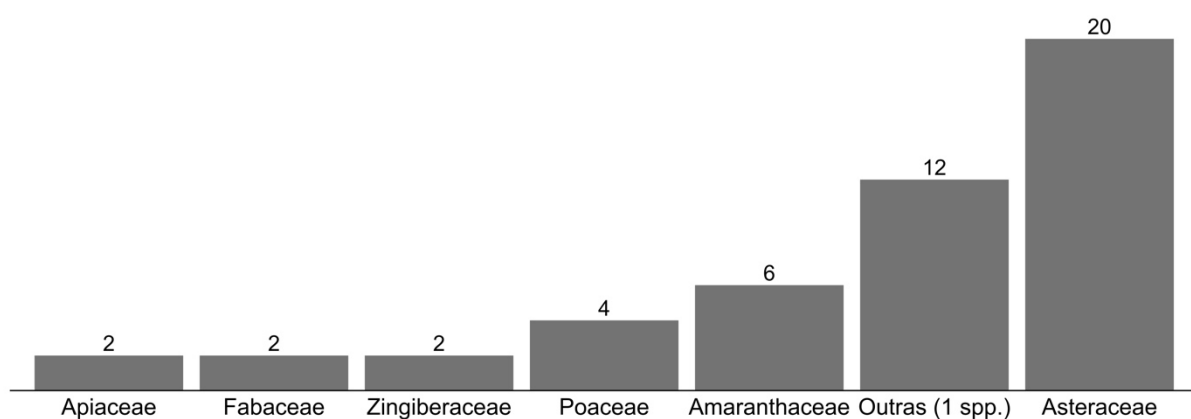


Figura 4: Riqueza das principais famílias encontradas nos buquês da Feira de Agricultores Ecológicos (FAE) de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Quanto às diferentes formas de crescimento, 27 espécies foram classificadas como ervas, 13 como arbustos, cinco como árvores e três como subarbustos. As primeiras duas formas somam juntas 83% do total de espécies encontradas. As espécies herbáceas são em sua maioria exóticas (20 spp.), 12 delas exóticas naturalizadas e oito exóticas cultivadas. Dentre as espécies arbustivas, 11 são nativas, pertencentes à família Asteraceae, e duas exóticas (*Cycas revoluta* e *Rosa chinensis*). Quanto às espécies arbóreas, destacam-se as quatro exóticas e somente uma nativa, *Syagrus romanzoffiana*. Por fim, as três espécies subarbustivas, compreendem a espécie *Croton gnaphalii* e duas espécies do gênero *Baccharis*, todas nativas. A proporção de cada forma de crescimento pode ser visualizada a seguir, na Figura 5.

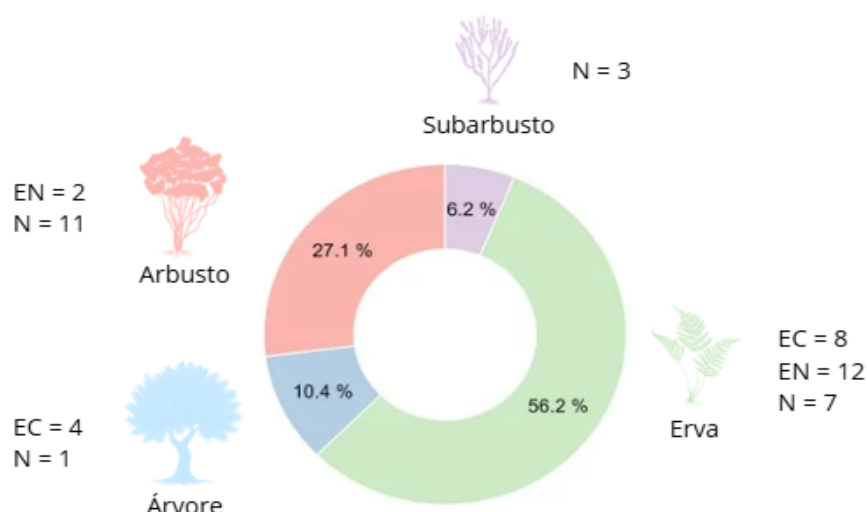


Figura 5: Proporção do número de espécies comercializadas na Feira de Agricultores Ecologistas (FAE) de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil de acordo com suas formas de crescimento. As espécies foram classificadas segundo a Flora e Funga do Brasil (2025). EC = Exótica cultivada; EN = Exótica naturalizada; N = Nativa.

3.2. Similaridade entre as bancas

Quanto à similaridade entre as bancas, quatro espécies da família Asteraceae (8,33%) são compartilhadas. Destas, *Baccharis articulata* e *B. dracunculifolia* são arbustos nativos abundantes na região sul do Brasil (Vieira, 2011a; Vieira, 2011b). Além destas, nove espécies são comercializadas em mais de uma banca (Figura 6).

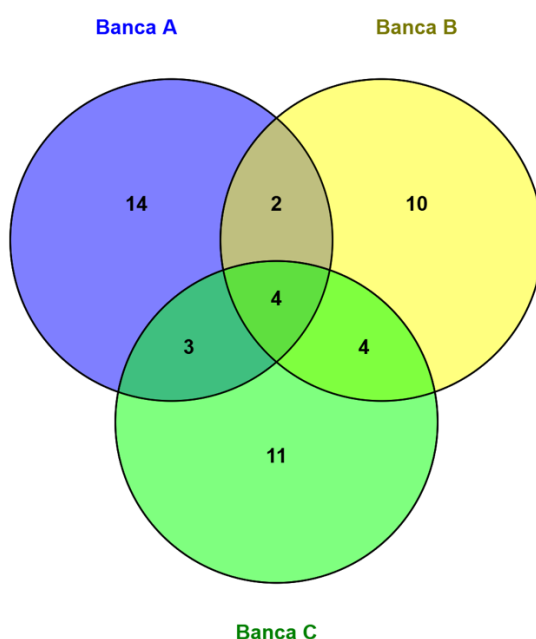


Figura 6. Diagrama de Venn demonstrando as espécies compartilhadas entre as bancas A, B e C na Feira de Agricultores Ecologistas (FAE) de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

3.3. Usos reportados pela literatura

Quanto ao uso como ornamental, *Acacia podalyriifolia*, *Alpinia zerumbet*, *Antirrhinum majus*, *Celosia argentea*, *Dahlia pinnata*, *Gomphrena globosa*, *Helianthus annuus*, *Rosa chinensis*, *Zinnia elegans* são exóticas tradicionalmente utilizadas para este fim (Lorenzi & Souza, 2008). Além disso em relação às espécies nativas, Matielo, Granzotto e Rovedder (2022) citam o potencial de uso de *Andropogon bicornis*, *Austroeupatorium inulaefolium*, *Baccharis spicata*, *Chromolaena pedunculosa* e *Solidago chilensis* em jardins naturalistas, sendo *A. inulaefolium* já utilizado para este fim no Uruguai. Já Stumpf, Barbieri e Heiden (2009) citam *Andropogon bicornis*, *Baccharis articulata* e *Solidago chilensis* como nativas de possível uso como flores de corte, sendo a última, uma alternativa ao uso da exótica *Solidago canadensis*.

Entre as espécies nativas, a samambaia-preta, *Rumohra adiantiformis*, é tradicionalmente empregada em arranjos e buquês. As partes utilizadas nesses produtos provêm, em sua maior parte, do extrativismo realizado por caixaras e agricultores familiares da região sul e sudeste do Brasil (Coelho-de-Souza, Pereira & Kubo, 2008).

Foram encontradas cinco espécies com referências de uso medicinal. Entre as nativas, *Baccharis articulata* e *B. crispa* são conhecidas popularmente como “carquejas” e utilizadas para o tratamento de problemas digestivos enquanto que *S. chilensis* é conhecida como erva-lanceta e utilizada para tratamento de contusões (Anvisa, 2024; Heck, Ribeiro & Barbieri, 2017; Vieira, 2011a; Vieira, 2011b). Entre as exóticas, o funcho, *Foeniculum vulgare*, e o gengibre-concha, *Alpinia zerumbet*, são utilizadas para este fim (Anvisa, 2024; Azevedo & Lins, 2020).

Quanto ao uso alimentício, *Asparagus officinalis* é a única espécie tradicionalmente consumida (D'Oliveira, Resende & Flori, 1999). Apesar disso, *Amaranthus cruentus*, *A. viridis*, *Baccharis articulata*, *B. crispa*, *Celosia argentea*, *Chenopodium album*, *C. quinoa*, *Dalia pinnata*, *Daucus pusillus*, *Foeniculum vulgare*, *Hedychium coronarium*, *Syagrus romanzoffiana* e *Vernonanthura tweediana* são consideradas Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's) (Kinupp & Barros, 2007; Kinnup & Lorenzi, 2021). Além disso, *Antirrhinum majus*, *Dalia pinnata*, *Foeniculum vulgare*, *Helianthus annuus*, *Ocimum carnosum*, *Rosa chinensis* e *Siagrus romanzoffiana* apresentam flores comestíveis (Padilha & Brack, 2019).

Em relação a outros usos, *Baccharis dracunculifolia* é utilizada na fabricação de utensílios domésticos e para agricultura, como material combustível e na construção de vassouras, daí seu nome popular “vassoura” (Ritter *et al.*, 2022). Na agricultura, as gramíneas *Sorghum halepense* e *Cenchrus americanus* são utilizadas como forrageiras e a leguminosa *Crotalaria juncea* como adubação verde, devido à sua capacidade de fixar nitrogênio no solo (Miotto *et al.*, 2022; Schneider, 2007).

3.4. Origem das espécies

Em relação à origem, 21 espécies são consideradas nativas para o estado do Rio Grande do Sul, enquanto que 25 foram classificadas como exóticas. Dentre estas últimas, 14 delas

foram classificadas como exóticas naturalizadas e 11 foram classificadas como exóticas cultivadas.

Entre as famílias mais ricas em espécies, o gênero *Baccharis*, se destaca na família Asteraceae com nove espécies, todas nativas. Esse também é o gênero com maior riqueza de espécies de Asteraceae no Rio Grande do Sul (Flora e Funga do Brasil, 2025). Em contrapartida na família Amaranthaceae todas as espécies utilizadas nos buquês são exóticas naturalizadas típicas de áreas alteradas e espécies cultivadas.

Tabela 2. Número de espécies nativas, exóticas cultivadas e exóticas naturalizadas identificadas em cada banca selecionada.

Banca	Nativas	Exóticas cultivadas	Exóticas naturalizadas	Total de espécies
A	13	10	0	23
B	6	11	3	20
C	14	6	2	22

Ao compararmos as proporções de uso de nativas e exóticas, a banca C foi a que apresentou maior proporção de uso de espécies nativas (63,63%), seguida pela banca A (56,5%) que não apresentou espécies exóticas naturalizadas. A banca B foi a que apresentou maior proporção de espécies exóticas, tanto cultivadas quanto naturalizadas (Figura 7).

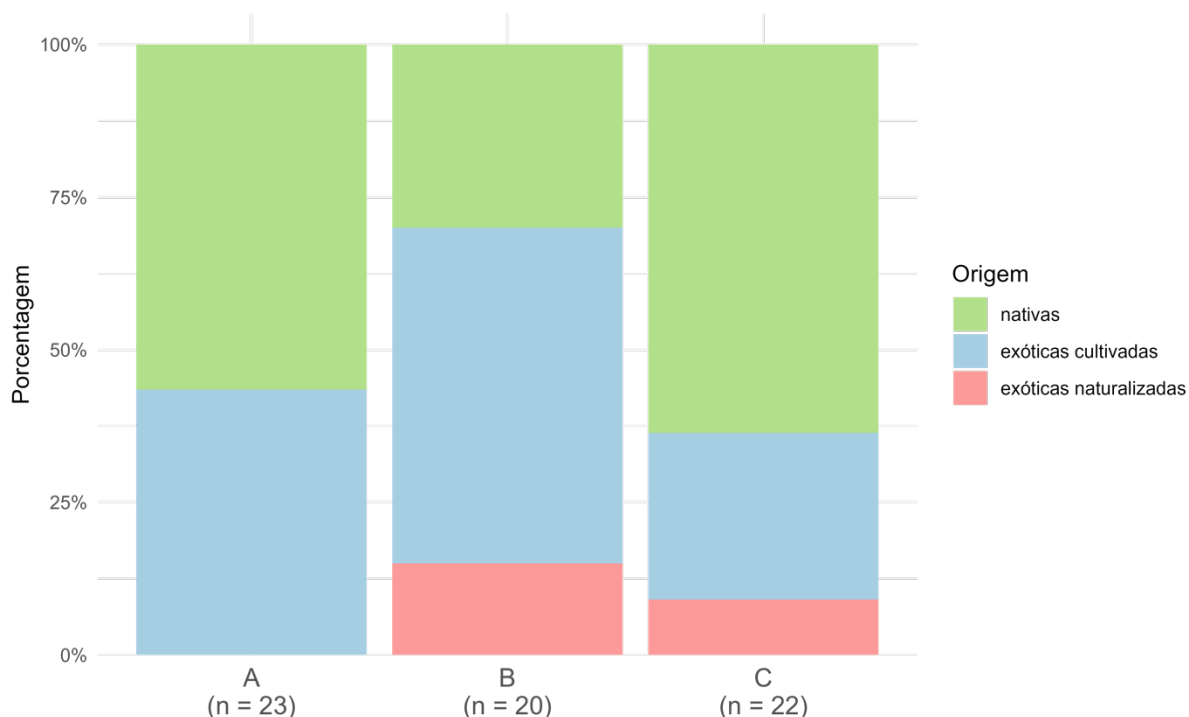


Figura 7: Proporções de utilização de espécies nativas, exóticas cultivadas e exóticas naturalizadas de cada banca selecionada.

Apesar de estar localizada em Porto Alegre, a maior cidade do estado, a banca A apresentou uma alta proporção de espécies nativas. Essa proporção de espécies

representadas principalmente por arbustos e subarbustos do gênero *Baccharis*, pode ser explicada pela presença em campos dos morros graníticos que recobrem cerca de 25% do município (Hasenack & Setubal, 2011). Por outro lado, as bancas B e C, de municípios localizados na Serra Gaúcha, onde a vegetação predominante é florestal, apresentaram um número significativo de exóticas. O número de exóticas cultivadas está relacionado à diversidade de espécies que os proprietários produzem, enquanto que a opção pelo uso de espécies naturalizadas deve estar relacionada ao local de coleta, onde locais mais alterados tendem a apresentar maior abundância de espécies exóticas (Rolim *et al.*, 2015). Para além da influência ambiental e geográfica, não pode ser descartada a influência das percepções individuais de beleza e estética dos produtores nas escolhas das espécies que compõe os buquês comercializados. Como consequência essas escolhas afetam a proporção de uso de nativas e exóticas.

Cabe ressaltar a presença de uma espécie exótica invasora: *Hedichium coronarium*, conhecido pelo nome popular “lírio-do-brejo”, é uma planta herbácea rizomatosa, com flores brancas perfumadas (Lorenzi & Souza, 2008). Possui origem na Ásia Tropical e atualmente está distribuída nas Américas Tropical e Subtropical em áreas úmidas, e sua reprodução vegetativa por fragmentos de rizoma torna ela uma espécie agressiva, responsável por substituir a vegetação nativa (Kissmann & Groth, 1991).

4. Conclusões

Nos últimos anos tem se discutido a substituição de plantas ornamentais exóticas por plantas nativas por questões estéticas, valorização e preservação da flora e ambientes locais, manutenção de polinizadores e para evitar invasões biológicas (Araújo *et al.*, 2022; Rolim, Overbeck & Biondo, 2021). Nesse sentido, este estudo trouxe a descrição de uma forma de uso que já vem acontecendo através da comercialização de buquês Feira de Agricultores Ecológicos (FAE) de Porto Alegre. Apesar de não termos avaliado a possível variabilidade de espécies ao longo das estações de um ano, foi demonstrado que as plantas nativas compõem uma fração importante na composição dos buquês comercializados nesse espaço.

Cabe ressaltar a possível relação da ocorrência de tais novos usos e sensibilidades em relação a flora nativa com o próprio espaço da FAE, que tem se configurado historicamente como um espaço alternativo ao modelo de produção convencional. Trata-se de um espaço que congrega os produtores que têm e lutam por difundir uma visão e prática mais ecológica do processo de produção, o que permite olhar para plantas muitas vezes negligenciadas e perceber ali um potencial de uso. Talvez por esse motivo, esses consumidores acolham mais facilmente as propostas dos produtores quando comparado a consumidores de outras feiras ou mercados convencionais onde não há esse tipo de preocupação.

Neste trabalho apresentamos o uso de 21 espécies nativas como ornamentais, destas, 14 espécies não possuíam nenhum uso ornamental registrado em literatura. O gênero *Baccharis* foi o que obteve mais destaque uma vez que das nove espécies apresentadas, sete espécies são inéditas como ornamentais (Matielo, Granzotto & Rovedder, 2022; Ritter

et al., 2022). Levando em conta a alta abundância e riqueza de espécies nos ambientes abertos do sul do Brasil, esse gênero talvez possa ser alvo de futuras pesquisas que explorem o seu potencial de uso como ornamental.

O uso de plantas nativas parece não ter impacto ambiental, visto que, além de nenhuma destas espécies constar nas Listas Nacional e Estadual do Rio Grande do Sul da Flora Ameaçada de Extinção, são utilizadas apenas partes aéreas, como partes de ramos, folhas e inflorescências, que devem permitir a sobrevivência dos indivíduos. Nesse sentido, o uso dessas espécies também pode ser uma forma de promover a valorização da flora nativa e a percepção botânica. Por fim, estudos que avaliem as percepções tanto dos produtores, quanto dos consumidores acerca desses produtos, podem revelar outras facetas não exploradas por esse trabalho.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) e a UFRGS pela concessão de bolsas de Doutorado, Mestrado e Iniciação Científica aos sete primeiros pesquisadores. Os autores agradecem aos produtores da FAE pela disponibilidade e conversas, especialmente a Franciele Bellé pela provocação que culminou na realização deste trabalho. Os autores agradecem o Dr. Gustavo Heiden pelo auxílio na identificação de espécies do gênero *Baccharis*.

Referências

- ANDRADE, B. O. et al. 12,500+ and counting: biodiversity of the Brazilian Pampa. **Frontiers of Biogeography**, v. 15, n. 2, 6 jun. 2023.
- ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Farmacopeia Brasileira. Plantas Medicinais – Volume II**. 7. ed. Brasília: Anvisa, 2024.
- ARAÚJO, F. P.; KLEIN, P. A.; FERNANDES, M.; RENCK, M. V. K.; ROLIM, R. G. Se essa rua fosse minha eu mandava semear: plantas ornamentais nativas para manutenção de polinizadores em áreas urbanas nos Campos de Cima da Serra, Rio Grande do Sul, Brasil. **Pesquisas, Botânica**, 2021.
- AZEVEDO, M. V. M. P. S.; LINS, S. R. O. Aplicações terapêuticas da *Alpinia Zerumbet* (colônia) baseado na medicina tradicional: uma revisão narrativa (2010-2020)/Therapeutic applications of the *Alpinia Zerumbet* (colônia) based on traditional medicine: a narrative review (2010-2020). **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 84222–84242, 3 nov. 2020.
- BARROS, F. Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 45, n. 2, p. 152–161, 2009. DOI: 10.4013/csu.2009.45.2.07.
- BERRALL, J. S. Decoración floral. **Enciclopedia Británica**, 17 ago. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/floral-decoration>
- CARRION, A. A.; BRACK, P. Eudicotiledôneas ornamentais dos campos do bioma Pampa no Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 23–37, 2012.

COELHO-DE-SOUZA, G.; PEREIRA, F.; KUBO, R. Contextualização da problemática ambiental com ênfase nos aspectos jurídicos. In: COELHO-DE-SOUZA, G.; KUBO, R. R.; MIGUEL, L. A. **Extrativismo da samambaia-preta no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

D'OLIVEIRA, L. O. B.; RESENDE, G. M.; FLORI, J. E. Produtividade do aspargo sob irrigação na região do Submédio São Francisco. **Horticultura Brasileira**, v. 17, p. 41–44, mar. 1999.

DI MARTINO, L.; DI CECCO, V.; DI CECCO, M.; DI SANTO, M.; CIASCHETTI, G.; MARCANTONIO, G. Use of native plants for ornamental purposes to conserve plant biodiversity: Case of study of Majella National Park. **Journal for Nature Conservation**, v. 56, 2020. DOI: 10.1016/j.jnc.2020.125839.

FAE – Feira dos Agricultores Ecologistas. Sobre a FAE. Porto Alegre: FAE, 1989–2020. Disponível em: <https://feiraecologica.com.br/fae/sobre-a-fae/>. Acesso em: 9 jul. 2025.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: mai. 2025.

FORNAZIER, A.; PEDROZO, E. A. A confiança entre os agricultores na garantia do atributo ecológico de sua produção. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 114–126, 2010.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, p. 365, 2007.

HASENACK, H.; SETUBAL, R. B. Distribuição e estado de conservação atual dos campos. In: SETUBAL, R. B.; BOLDRINI, I. I.; FERREIRA, P. M. A. (org.). **Campos dos Morros de Porto Alegre**. Porto Alegre: Igré Associação Sócio-Ambientalista, 2011. p. 89–93.

HECK, R. M.; RIBEIRO, M. V.; BARBIERI, R. L. (eds.). **Plantas medicinais do Bioma Pampa no cuidado em saúde**. Brasília, DF: Embrapa, 2017.

HEIDEN, G.; BARBIERI, R. L.; STUMPF, E. R. T. Considerações sobre o uso de plantas ornamentais nativas. **Ornamental Horticulture**, v. 12, n. 1, 9 jun. 2006.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Plantas alimentícias não-convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS. 2007.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2021.

KISSMANN, K. G.; GROTH, D. **Plantas infestantes e nocivas**. 1991.

LORENZI, H.; SOUZA, H. M. **Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 4. ed. Nova Odessa: Editora Plantarum, 2008.

MATIELLO, J.; GRANZOTTO, F.; ROVEDDER, A. P. M. **Plantas nativas ornamentais do bioma Pampa: potenciais e popularização**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2022.

MARCHIORETTO, M. Chaves de identificação dos gêneros e espécies de Amaranthaceae no Rio Grande do Sul. **Pesquisas, Botânica**, v. 65, p. 123–127, 1 jan. 2014.

MELLO, L. E. M. Plantas Ornamentais em Paisagismo. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE FLORICULTURA E PLANTAS ORNAMENTAIS. Anais... Porto Alegre: Corag, 1986. p. 55–63.

MIOTTO, S. T. S.; BORTOLUZZI, R. L. C.; IGANCI, J. R. V.; SILVEIRA, F. S. (orgs.). **Leguminosae - Papilionoideae do Rio Grande do Sul, Brasil**. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2022.

OLIVEIRA JUNIOR, C. J. F.; GONÇALVES, F. S.; COUTO, F.; MATAJS, L. Potencial das espécies nativas na produção de plantas ornamentais e paisagismo agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 3, dez. 2013. Disponível em: <http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/13330>. Acesso em: 5 mai. 2025.

- OLIVEROS, J. C. Venny. An interactive tool for comparing lists with Venn's diagrams. 2007–2015. Disponível em: <https://bioinfogp.cnb.csic.es/tools/venny/index.html>.
- PADILHA, T. R.; BRACK, P. Levantamento de flores alimentícias no Rio Grande do Sul, Brasil. 2019.
- PANERO, J. L.; FUNK, V. A. The value of sampling anomalous taxa in phylogenetic studies: major clades of the Asteraceae revealed. **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 47, p. 757–782, 2008.
- ROLIM, R. G.; FERREIRA, P. M. A.; SCHNEIDER, A. A. et al. How much do we know about distribution and ecology of naturalized and invasive alien plant species? A case study from subtropical southern Brazil. **Biological Invasions**, v. 17, n. 5, p. 1497–1518, 2015.
- ROLIM, R.; OVERBECK, G.; BIONDO, E. Produção e comercialização de espécies vegetais nativas ornamentais no Rio Grande do Sul. **Revista Eletrônica Científica da UERGS**, v. 7, p. 30–40, 26 abr. 2021.
- SPECIESLINK. SpeciesLink network. 2025. Disponível em: <https://specieslink.net/search/>. Acesso em: 15 mai. 2025.
- RITTER, M.; CHRIST, A.; ZEVIESKI, A.; FÜLBER, M. An overview of the cultural and popular use of *Baccharis*. In: FERNANDES, G. W.; OKI, Y.; BARBOSA, M. (orgs.). **Baccharis: From Evolutionary and Ecological Aspects to Social Uses and Medicinal Applications**. 2022. p. 401–416.
- SCHNEIDER, A. A. A flora naturalizada no estado do Rio Grande do Sul, Brasil: herbáceas subespontâneas. **Pesquisas, Botânica**, v. 15, n. 2, 2007.
- STUMPF, E. R. T.; BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G. (eds.). **Cores e formas no Bioma Pampa: plantas ornamentais nativas**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. 276 p. ISBN 978-85-85942-38-3.
- SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática**. 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2019. 768 p.
- VIEIRA, N. K. *Baccharis articulata*. In: CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. (eds.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul**. Brasília, DF: MMA, 2011a. p. 545–549.
- VIEIRA, N. K. *Baccharis dracunculifolia*. In: CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. (eds.). **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro – Região Sul**. Brasília, DF: MMA, 2011b. p. 556–560.
- WEISS, D. Introduction of new cut flowers: domestication of new species and introduction of new traits not found in commercial varieties. p. 129–137. In: VAINSTEIN, A. (ed.). **Breeding for ornamentals**. Dordrecht: Springer, 2002. 450 p.

**170 FLORA QUE EMBELEZA E SUSTENTA: OS BUQUÊS DA FEIRA DE AGRICULTORES
ECOLOGISTAS (FAE) DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL**

Recebido em: 24/07/2025

Aprovado em: 30/09/2025

Publicado em: 06/10/2025